

CONSERVADOR E MUSEÓLOGO: ABORDAGEM DE CONCEITOS

Texto 2

Ana Maria LOUSADA

Museólogo/Conservador: realidades idênticas com nomes diferentes? profissões com funções diferenciadas mas que indiscriminadamente se confunde a terminologia? conservador actualizado será um museólogo?

Tentar clarificar estas questões, ou pelo menos contribuir para uma equação da sua problemática é o propósito da nossa exposição.

A ambiguidade dos termos Museólogo/Conservador decorre no desenrolar de uma nova concepção museológica. Na década de 60/70 estruturam-se os princípios de uma Nova Museologia por oposição a uma Museologia tradicional existente. É repensado o papel e a função social e política do Museu. Este deixa de ser olhado como um "belo armazém" estático, centrado exclusivamente nos objectos e virado para um tempo passado - mais ou menos glorioso - mas passivo, em detrimento dum tempo presente e até futuro.

O Museu é agora encarado como um espaço activo, com capacidade de intervenção no mundo em mudança que está inserido. Não perdendo, porém, as tradicionais funções de reunir, conservar e divulgar as colecções com o intuito enriquecimento de estudos e conhecimentos mas também de deleite e prazer.

A nova Museologia ultrapassa esses princípios, equacionando um espaço museológico que deverá problematizar, questionar e intervir criticamente na complexa estrutura socio-cultural. Mas como? A grande chave desta **Error! Reference source not found.** está na comunidade. A acção da nova museologia vira-se para o meio físico e humano envolvente. A comunidade é um agente activo que trabalha em conformidade com o Museu. Este reflecte o sentir, o evoluir e até o transformar da sua população envolvente. Esta relação homem-meio acaba definitivamente com o monólogo museográfico possibilitando, pelo contrário, um diálogo crítico e profundo do património envolvido, no fundo das memórias colectivas. Neste sentido este novo Museu, denominado também como **Error! Reference source not found.** só consegue sobreviver recorrendo à prática da interdisciplinaridade, sobretudo das ciências humanas, e aqui entra a questão central desta exposição - Que técnico de Museologia vai entrar na formação do **Error!**

Reference source not found.? O Conservador, dirigente dos velhos postulados da museologia tradicional?

Se limitarmos o papel do Conservador ao técnico que tem por funções inventariar, conservar e expor as coleções está obviamente desajustado do novo Museu. Tal como se deu uma transformação ao nível dos objectivos da Museologia, têm também que operar-se transformações ao nível das mentalidades e formação dos técnicos dos Museus. Os conservadores - personagens centrais de uma museologia tradicional - ou mantêm-se unicamente como técnicas de conservação ou urge a necessidade de uma reciclagem e adaptação aos novos rumos da Museologia.

Uma Museologia de tipo novo pressupõe técnicos com outra formação e com outro tipo de requisitos. E aqui surge: o Museólogo -técnico da nova museologia que ultrapassa e subverte as típicas funções do técnico Conservador.

Vejam; uma vez que a Museologia de tipo novo pressupõe um campo de actividade interdisciplinar constituindo um palco de acção transdisciplinar é necessário clarificar o perfil profissional do Museólogo:

Museólogo-Comunicador.

Somos de opinião, que um dos campos privilegiados do Museólogo é a intervenção socio-cultural. A linguagem escolhida como o processo de comunicação com a comunidade deve aprofundar a consciência crítica do indivíduo, criar espaços de reflexão dos tempos contemporâneos; aprofundar diálogos e conhecimentos quer do ponto de vista emocional quer do afectivo. Para atingir tais resultados a nova metodologia do Museólogo deve ter, portanto, como grande postulado uma investigação participativa (em que entra a comunidade e os técnicos do Museu) que permita responder às novas necessidades sociais do novo tipo de Museologia ditadas pela comunidade envolvente.

Museólogo-Gestor

Gestor social no sentido que tem de trabalhar como todo um sector de recursos humanos (inserido-se aqui a comunidade envolvente, mas também todos os trabalhadores dos Museus).

Nesta função de gestor social, o museólogo tenta igualmente aprofundar a relação Museu/Meio, explorando um recurso importante que é o potencial humano que trabalha nos Museus e que usufrui destes mesmos Museus.

Além disso apesar dos museus serem denominados instituições sem fins lucrativos, é importante existir da parte do museólogo um conhecimento das necessidades económicas da sua casa no sentido de poder minimamente rentabilizar o seu produto cultural.

O Museólogo gestor consegue ainda uma abordagem muito mais sistematizada do Museu enquanto instituição, permitindo-lhe noções mais exactas das potencialidades recursos e necessidades do projecto que pretende levar a cabo.

Também neste Sector o Museólogo gestor deve recorrer a uma gestão em que participa a própria comunidade envolvente responsabilizando-a pelo produto cultural.

Museólogo-Animador

Na nossa opinião, o Museólogo deve ser também um transformador de espaços, objectos e mensagens.

Quando falamos na vertente da animação no trabalho do museólogo, não nos estamos a referir à produção de espectáculos propagandísticos, descaracterizados, mas a programas organizados para públicos específicos, pedidos mesmo pela comunidade ou por sectores mais restritos que são, por exemplo, as escolas. Neste sector, somos de opinião, que o museólogo e as instituições escolares têm que conjugar esforços e evoluir em sentidos paralelos estimulando públicos mais jovens a desenvolver o espírito crítico e sobretudo demonstrar-lhe que um museu pode ser um espaço de inteira liberdade: visto, pensado e trabalhado das formas mais variadas consoante "gostos e apetites".

Museólogo e a pluridisciplinaridade

Como já foi referido a nova museologia recorre a um vasto campo de intervenção pluridisciplinar, com isto não pretendemos retratar o museólogo como "o homem dos sete instrumentos", mas sim um técnico de museologia com determinado perfil que quando tem necessidade recorre trabalho de outros especialistas dos mais variados ramos científicos. É fruto deste trabalho de interdisciplinaridade que nascem as produções da nova corrente da museologia.

Esta necessidade e preocupação pela formação dos técnicos dos museus, foi desde sempre sentida pelos movimentos da nova museologia. No último seminário internacional - Declaração de Caracas 16 de Janeiro a 06 de Fevereiro de 1992 - foi mesmo referenciado um item respeitante exclusivamente à formação profissional dos trabalhadores dos museus " ... a sua formação deve possibilitar-lhe o desempenho de uma tarefa de interdisciplinaridade própria do museu actual dando-lhe ao mesmo tempo elementos indispensáveis para exercer uma liderança social, uma gerência efectiva e uma comunicação acertada"(1).

Neste mesmo documento pontualizam-se projectos de acções para o enriquecimento da formação do museólogo.

Posto isto e em jeito de conclusão, gostaríamos de destacar algumas ideias:

Museólogo/Conservador - uma questão que ultrapassa o plano académico e se prende com questões reais, de carácter prático associados a problemas bem concretos. Vejamos:

- O Conservador - técnico da inventariação, catalogação, conservação e exposição - personagem central das correntes tradicionais da museologia foi ultrapassado pelo Museólogo - técnico da comunicação em estrita ligação com a comunidade, técnico animador, técnico gestor enfim agente quase pluridisciplinar das novas correntes da museologia social.

- A ruptura verificada entre conservador e museólogo acentua-se cada vez mais quando entramos nos princípios metodológicos de cada um. O conservador recorrendo a métodos de investigação centrados exclusivamente no objecto a expôr; o museólogo introduzindo a gestão participada da comunidade com as suas memórias colectivas passadas e vividas presentemente. Por consequência, o raio de acção que o conservador e que uma museologia tradicional pretende atingir limitam-se ao público que visitará a sua exposição. Por oposição, o museólogo e a nova museologia derrubam os muros do museu indo ao encontro da comunidade, ela própria produtora e produto deste museu.

NOTA

1.

In Declaração de Caracas, Caracas 16 de Janeiro a 06 de Fevereiro de 1992, p. 13.

BIBLIOGRAFIA

MOUTINHO, Mário, *Museus e Sociedade*, Monte Redondo, 1989

RIVIÈRE, Georges Henri, *La Muséologie*, Bordas, Paris, 1989

Textos de Museologia, Jornadas sobre a função Social do Museu, cadernos do MINOM, nº 1, Lisboa 1991

"Resolution adopted by the round table of Santiago (Chile)" In *Museum*, nº 3, Unesco, Paris, 1973

Declaration de Quebec

Declaration de Oaxtepec

Declaração de Caracas